



EDUCAÇÃO AMBIENTAL: OLHARES DE UM EDUCADOR

SILVA, Viviane Brito da¹
vivi.nhn_hta@hotmail.com

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara²

Resumo

Este artigo apresenta, de maneira sucinta, o recorte de uma monografia do curso de Pedagogia e aborda uma reflexão sobre os olhares de um professor sobre a Educação Ambiental dentro de uma escola pública na cidade de Novo Horizonte do Norte-MT. Tem como objetivo evidenciar a forma com que o mesmo produz o discurso de suas compreensões sobre educação ambiental. Na voz do educador, procuramos identificar práticas que são desenvolvidas na escola e como o mesmo planeja e aplica essas atividades no espaço escolar. A metodologia do trabalho de pesquisa seguiu as orientações da investigação qualitativa com a técnica da entrevista semiestruturada, caminho que identificamos o discurso do professor sobre a Educação Ambiental (EA). Foram feitas as perguntas ao educador com o objetivo de construir o perfil do professor e a sua compreensão de Educação ambiental como prática pedagógica, planejamento, execução e avaliação de todas as atividades desenvolvidas e como ele observa a compreensão dos/as alunos/as com relação à temática Ambiental; todos esses pontos subsidiaram a construção deste texto. A compreensão apresenta-se dentro de uma visão complexa de EA, com a singularidade de um educador que circunscreve o espaço histórico pelo olhar da memória e que se preocupa com o futuro pelo olhar do entorno.

Palavras - chave: Educação Ambiental, Educação, Pedagogia.

Introdução

Apresentamos primeiramente alguns conceitos históricos e reflexões acerca do que compreendemos por Educação Ambiental (EA). A EA é um movimento e postura relativamente nova na sociedade e tem sido compreendida como um enfrentamento a algumas catástrofes e/ou problemas ambientais advindos, principalmente após a segunda guerra mundial. “Os avanços científicos e tecnológicos a partir, principalmente, da Segunda Guerra

¹. Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Juara/MT)

² Professora Doutora do curso de Pedagogia da UNEMAT *Campus* Universitário de Juara/MT



Mundial estão intimamente relacionados com a problemática ambiental” (REIGOTA, 2007, p. 220).

Foram essas problemáticas ambientais que movimentaram organizações, eventos e conferências com a finalidade de enfrentar e de construir formas de pensar diferente, em outras palavras, planejar um mundo melhor para a humanidade. Foram as Conferências de Estocolmo e a Tbilisi que originaram as primeiras manifestações dentro da Educação Ambiental. (SATO, 2003, p. 23). A primeira em 1972 e a segunda em 1977. No Brasil, no ano de 1992, aconteceu a Rio 92, quando foi elaborado um documento com princípios fundamentais da educação para sociedades sustentáveis, principalmente a partir da década de 90, o Brasil passa a compor o discurso da EA e da responsabilidade das instituições de ensino assumirem também o protagonismo de pensar em uma formação estudantil voltada para a Educação Ambiental.

Essa organização educativa já estava em curso, tanto que a nossa Constituição Federal de 1988 estabelece, no inciso VI do artigo 225, a necessidade de “promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”.

Enfim, a EA é movimento, é história, é ação de enfrentamento e busca de melhores condições de vida, é conteúdo dentro das escolas, ela é um princípio político do bem viver, da coletividade e do respeito às diferentes formas de vida.

Nessa perspectiva, este artigo apresenta, de maneira sucinta, uma reflexão sobre os olhares de um professor sobre a Educação Ambiental dentro de uma escola pública, identificando, na voz do mesmo, práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula que dão ênfase à educação ambiental. O conteúdo do artigo é apenas parte de uma monografia desenvolvida com uma metodologia de investigação qualitativa. Essa perspectiva de pesquisa escolhida é porque o trabalho proposto não teve a intenção de quantificar, mas de interpretar e nesse caminho metodológico “[...] responde a questões muito particulares, levando em consideração a realidade da comunidade escolar, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO e DESLANDES, 2011, p.21).

Foi com este olhar, considerando a realidade da comunidade escolar e significados que ouvimos o professor no momento da entrevista, o qual ficou à vontade para responder as perguntas e falar o que sentia. Assim, o artigo está dividido em duas partes, a primeira com



uma discussão teórica da Educação Ambiental na escola e a segunda parte com as reflexões produzidas a partir do olhar do educador sobre a Educação Ambiental.

Educação ambiental na escola

A introdução da Educação Ambiental na escola supõe uma modificação na própria concepção da educação, provocando assim uma revolução pedagógica (REIGOTA, 2009). Ou seja, pensar em EA é pensar em um mundo melhor onde as pessoas tenham direito a um ambiente saudável, uma vida saudável.

Como conteúdo, é para ser incluso no currículo escolar de maneira interdisciplinar e transversal. Interdisciplinarmente envolverá várias áreas do conhecimento, o que facilitará a compreensão do todo e, transversalmente, dividirá as responsabilidades entre as diversas áreas do conhecimento. Assim,

Na Educação escolar Ambiental deve-se enfatizar o estudo do meio ambiente onde vive o aluno e aluna, procurando levantar os princípios problemas cotidianos, as contribuições da ciência, da Arte, dos saberes populares, enfim, os conhecimentos necessários e as possibilidades concretas para a solução deles (REIGOTA, 2009, p. 46).

Os conteúdos da Educação Ambiental são os da cotidianidade, os das potencialidades ambientais locais, as ameaças ao meio ambiente a os ser humano. Nesta perspectiva, é importante que a escola priorize a realidade do aluno/a e isso não significa que as questões aparentemente distantes não devem ser abordadas, pois procuramos desenvolver não só cidadãos e cidadãs participativos, mas também cidadãos e cidadãs planetários (REIGOTA, 2009).

Os conteúdos e a forma de se trabalhar EA na escola têm como pressuposto básico a realidade, portanto a Educação Ambiental assume um comportamento aberto que extrapola a própria sala de aula. Enquanto prática educativa escolar pode ser feita na da sala de aula, as atividades de campo têm grande significado, pois estabelecem contato com a natureza preservada ou não, lugares de impactos, experiências de práticas aconselháveis. Enfim, existem atividades pedagógica ricas, capazes de mobilizar processos de reflexões e ações necessárias ao mundo em que vivemos.



A EA pode ser trabalhada dentro da própria escola, com abordagens na organização da escola, sua estrutura, arborização, jardinagem, destino do lixo, uso da água, utilização da cozinha, observação de desperdícios e as possibilidades de mudanças, enfim na própria escola podem ser desenvolvidos diversos temas sobre a Educação Ambiental.

Ainda nos arredores da escola pode-se estudar a poluição sonora, do ar e da água, como também as atividades das indústrias, a rede de saneamento básico entre várias coisas que podem ser observadas.

O importante é incluir nas atividades de educação ambiental a temática próxima ou distante (geograficamente) relacionadas com o cotidiano das pessoas daquele lugar, mas sem se esquecer de que, em qualquer lugar que estejamos no mundo. (REIGOTA, 2009, p.49).

Abordar a EA de maneira integradora considerando a realidade de cada criança permite que haja uma assimilação dos diferentes acontecimentos da natureza, das transformações e, principalmente, da necessidade de ter cuidado com o ambiente em que vivemos.

Vozes de um professor sobre a Educação Ambiental

Ouvir a voz do educador foi uma técnica em que se estabeleceu, um diálogo e também se constituiu como um momento de troca e de aprendizagem. A voz foi ouvida de diversas formas e com a técnica da entrevista semiestruturada. Aqui traremos apenas quatro questões abordadas na pesquisa.

Primeiramente, fizemos alguns diálogos abertos, falando sobre a formação do professor, as expectativas dele na educação e, depois de algum tempo é que passamos a conversar, no sentido da entrevista acerca do tema diretamente. Perguntamos ao educador o que o mesmo compreendia por Educação Ambiental e como prepara suas aulas. Sobre Educação Ambiental, o educador responde que deve fazer parte da vida das pessoas e não somente da escola, ela é atitude, mas precisa ser trabalhada. Em sua memória lembra como foi o processo da chegada das pessoas no noroeste do Estado de Mato Grosso e o quanto se desmatou. Diz:



[...] eu penso que nós podemos aprender com os erros que já foram cometidos com o desmatamento em áreas impróprias [...] talvez a gente tenha algumas consequências de desequilíbrio pela ação do homem... a gente tem.

Classificamos este olhar como sendo de memória e de reconhecimento da necessidade de se pensar ações mais organizadas, que não causam tanto prejuízos. Inclui-se aqui o pensamento local e global. Nesta perspectiva, é importante que o educador priorize a realidade do/a aluno/a, e isso, não significa que as questões aparentemente distantes não devem ser abordadas, pois, procura-se desenvolver não só cidadãos e cidadãs participativos, mas também cidadãos e cidadãs planetários (REIGOTA, 2009). Com isso, estaremos voltados para observar a realidade de nossa cidade e do que acontece no mundo, fazendo nossa parte para o bem estar de todos.

Neste sentido, o educador deixa bem clara a forma com que prepara sua aula, relata que faz leituras e define objetivos. Diz assim:

[...] descrevo sucintamente a metodologia que vou usar. Uso esses três tópicos no meu planejamento, conteúdo, objetivo e metodologia e com essas anotações eu vou pra sala para desenvolver a trabalho.

Verfica-se que o professor tem uma preocupação em expor que suas aulas seguem os padrões da pedagogia, mas durante a entrevista identificamos algumas ações que auxiliam os/as alunos/as no desenvolvimento de atitudes que correspondam aos princípios da Educação Ambiental. Por exemplo, quando ele diz:

Costumo às vezes passear com os alunos em volta da escola, pela cidade, para dar uma olhada nas questões que temos, por exemplo, o lixo que esta pela cidade.

Tenho a comparação de como a qualidade do ar, e, a própria temperatura é diferente quando você está em uma área de vegetação em baixo de uma árvore ou em um conjunto de árvores do que quando você está em uma área que já foi desmatada.

Um dos princípios da Educação Ambiental é desenvolver a sensibilização e a observação e essas práticas são fortalecidas pelas atividades de campo, desenvolvidas *in*

RCC, Juara/MT/Brasil, v. 2, n. 1, p. 40-49, jul./dez. 2017



locus. Na entrevista fica evidente que as ações do educador são realizadas sempre no entorno ou na própria escola. Esse pensamento se relaciona ao pensamento de Reigota (2009) ao mencionar que o importante é incluir atividades de educação ambiental que estejam próximas, podendo também ser distante, mas que tenha a ver como cotidiano das pessoas que vivem naquela localidade.

Podemos inferir que o educador tem um olhar de entorno, de modo que as atividades e as situações a serem percebidas pelas crianças tenham a ver com a sua cotidianidade, mas que também tenham a possibilidade de se sensibilizar pela prática de campo na realização de atividades simples, porém com grande sensibilidade. Em outras palavras, um olhar de entorno não apenas do lugar, mas das crianças por serem crianças ainda do início do ensino fundamental.

Perguntamos em que momento as atividades de Educação eram desenvolvidas. E obtivemos a seguinte resposta:

[...] a área de ciências tem os conteúdos que envolvem o meio ambiente. Que tratam desta questão ambiental, mas, diariamente, cotidianamente a gente fala com os alunos da importância de manter o ambiente limpo, cuidar do consumo da água de economizar esses meios que nós temos disponíveis como uma forma de manter a condição ambiental, ambiente limpo e de o recurso natural ser bem utilizado. Tem os temas específicos que são abordados no decorrer do ano, mas sempre que um aluno desperdiça uma folha de caderno, joga um lixo no chão, a gente trata destas questões e... Durante o ano também costumo as vezes passear com os alunos em volta da escola, pela cidade pra dar uma olhada nas questões que temos também de lixo pela cidade. Pergunto para os alunos que moram na zona rural como é que é a casa se eles têm vegetação, essas questões que a gente trata mais da própria preservação do ambiente com a qualidade melhor do ar através das plantas que garantem essa condição, mas com a preocupação principal de preparar essas crianças para o uso destes recursos naturais com um pouco mais de consciência, preservando o ambiente.

Na interpretação que fazemos, o mesmo define que a disciplina de ciência é a que mais aborda as questões da Educação Ambiental e isso tem sido comum. Geralmente, os profissionais da Educação, acham que a disciplina de ciências é a única responsável em desenvolver estudos e ações sobre a Educação Ambiental. No entanto, sabemos que a EA não se destina à disciplina de ciências, pois, a mesma é orientada que seja trabalhada de maneira



transversal, podendo estar presente em diversas disciplinas e em uma disciplina com a perspectiva da interdisciplinaridade.

Ainda assim, observamos na fala do professor a evidente intencionalidade transversal relacionada com o tema ambiental, pois no dia a dia aborda a questão do desperdício de papel, água e energia. Portanto, o trabalho da EA é de fundamental importância, pois é através dela que podemos conscientizar os indivíduos do seu compromisso com o meio ambiente e sensibilizá-los para que mudem suas ações em prol da natureza, assim refletindo no bem-estar dos humanos. De acordo com BRASIL (1998), a transversalidade propõe um grupo de temas, entre eles o meio ambiente, que deve se integrar às áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas, relacionando as questões da atualidade, das situações vivenciais e que esses temas sejam orientadores inclusive no cotidiano escolar.

Nesse sentido, diante da fala do educador, entendemos que é evidente que há um trabalho de Educação Ambiental na escola por parte do mesmo. Aliás, os estudos têm demonstrado que existem avanços na EA e esses avanços estão visíveis nas modalidades de aplicação que as escolas têm feito, entre elas: projetos, inserção no projeto político-pedagógico e transversalidade nas disciplinas. No entanto, existem pesquisas que apontam a persistência do olhar unidirecional tanto dos educadores quanto do estabelecimento de ensino para objetivos que estão voltados exclusivamente para a conscientização e a sensibilização. (IARED e OLIVEIRA, 2011).

As temáticas que se apresentam quase sempre são: lixo, água e poluição de maneiras generalizadas, ou com algum trabalho de campo. Assim, a EA continua fazendo parte quase que geral do ensino de ciências com temáticas que já compõem o repertório conteudista do ensino. O envolvimento comunitário e da família muitas vezes não são mobilizados, o que faz com que a EA assuma um traço pontual e de mecanicidade.

Sobre esse assunto, o professor faz a seguinte avaliação:

[...] as crianças... Na maioria... Estão mais preparadas para cuidar do ambiente do que quando nós fomos crianças ou do que os próprios pais delas... Demonstam uma preocupação em manter o ambiente limpo... Falam da importância de manter a vegetação... Comentam sobre a necessidade de manter plantas e vegetação próxima dos rios preservada... São conceitos que estão internalizando que vai ser importante na vida delas futuramente.



O discurso do docente retrata a preocupação com a preparação do conteúdo e do futuro dos sujeitos de modo geral e são enunciados importantes que demonstram também a preocupação com a formação da criança. E o educador é significativo neste processo, pois é com o auxílio do professor (e de outras participações sociais) que os alunos vão criando o olhar consciente e se fazendo cidadão.

Assim, reafirmamos a preocupação com as ações de EA que têm se desenvolvido no interior das nossas escolas. E, audaciosamente, como aprendizes deste processo e pelas leituras e contribuições de educadores que têm se disposto a auxiliar na compreensão dos caminhos que estão sendo construídos na EA, constatamos que há, sem dúvida, alguns avanços no que tange à Educação Ambiental nas escolas e que os caminhos percorridos são vários, pois sabemos que não há apenas uma tendência de fazê-la. Nessa perspectiva, tomamos o trabalho de Iared e Oliveira (2011), que discute a visão romântica da EA; a visão Pragmática e a visão complexa.

A primeira se apresenta como uma leitura ambiental e da natureza como intocada, é como se fosse algo sagrado e místico, portanto, de contemplação e alterá-la talvez um pecado. A segunda, a visão pragmática, tem como compreensão maior o desenvolvimento sustentável, ou seja, como utilizar os recursos naturais de forma controlada, embora saibamos que a sociedade atual quem se utiliza desses recursos sempre na maioria das vezes são grupos que detém o capital. E a terceira visão é a complexa, se constitui dentro de uma dialética da relação entre sociedade e ambiente.

Ao iniciar o texto, escrevemos sobre dois olhares que chamaram a atenção: o olhar de memória e o olhar de entorno. Consideramos que esses dois olhares incluem-se na visão complexa. O educador rememora conflitos socioambientais, conflitos de posturas, enfim, retrata sucintamente a história de *colonização* e também reúne a preocupação com a formação das crianças para que não assumam as mesmas posturas do passado e, para tanto, começa com o olhar de entorno, com o desafio do conhecimento do lugar onde se vive.

O discurso, as preocupações das nossas escolas estão realmente pontuadas em objetivos de conscientização e de sensibilização, mas entendemos que as estratégias de ensino e de aprendizagem poderiam avançar e ir além desses objetivos.

Para esta discussão e a busca da compreensão entendemos que se faz necessário um trabalho de EA em que a preocupação e o desafio se assentem na questão educativa de como fazê-la. Para tanto, um dos fatores necessários é a aquisição de informações e metodologias



que envolvem reflexão e participação. Nesta reflexão, uma participação mais ampliada que não apenas dos educandos e propositores educativos.

Nessa proposição, concordamos com Reigota (2009), ao dizer que é importante ter o conhecimento da realidade e também concordamos com Guimarães (2004), ao explicar que o conhecimento e a emoção, ou seja, o que é afetivo e cognitivo é importante, porém não suficiente para possibilitar transformações nas atitudes das pessoas, no contexto individual e coletivo. Interpretamos que o conteúdo, parte cognitiva, bem como as orientações e comparações de um tempo e de outro, de ambientes, de sensibilização, fazem parte do emotivo, mas muitas vezes o trabalho da EA na escola vai apenas até este momento e o restante fica a cargo do futuro. Há que se fazer a mobilização social e aí sabemos que nossas escolas têm uma recusa em fazê-lo.

Algumas ações podem ser realizadas com a mobilização social e não estamos falando de coisas grandiosas, mas de grandes coisas. Guimarães (2004) insere este pensamento dentro de uma Educação Ambiental crítica, Paulo Freire (1996) em processos emancipatórios e no reconhecimento de que não há neutralidade na educação, porque ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.

Considerações finais

Ao finalizar este texto, esclarecemos que mesmo que a voz deste artigo seja de um único professor, ela é o eco de muitos educadores deste país. A partir da voz do mesmo buscamos compreender o pensamento sobre diversos aspectos que envolvem a EA identificamos nas pesquisas e ainda na voz do educador que as práticas de EA são pontuais e unilaterais, que são desafios que lutam com o modelo de escola que ainda temos. Escolas duras e que muitas vezes assumem o discurso da democracia, mas que existem vários fatores que impedem que práticas emancipatórias ganhem espaço no *lócus* escolar. Ainda assim, a EA vem se desenvolvendo com a intencionalidade de contribuir para a conscientização e sensibilização dos/as alunos/as, utilizando atividades e através do diálogo, que é muito importante no processo de aprendizagem, mas com o desejo de ampliação.

Enfim, conforme análises das fala do professor, identificamos a prática, o discurso forte do cognitivo e do emotivo, experiências e orientações que auxiliam na formação dos



estudantes, mas também identificamos a necessidade de fazer com que a EA tenha espaço político e emancipatório. Portanto, não é um único olhar, são muitos olhares que miram o mundo com significações diferentes, singulares, coletivas e que se pretende romper com o histórico ambiental colonialista e construir junto com a escola um outro histórico de entorno, outra memória que se amplie e que recuse as generalizações, é preciso assim, olhar mirando o lugar em que vivemos politizadamente.

Referências bibliográficas

BRASIL, Referencial Curricular Nacional. **Apresentação: Temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papyrus, 2004.

IARED, Valéria G. e OLIVEIRA, Haydée Torres de. **Concepções de Educação Ambiental e perspectivas pedagógicas de professoras do ensino fundamental**. Educação em Revista. Belo Horizonte. v.27 , n.02 . p.95-122 , ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acessado em: 13/06/2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza e DESLANDES, Suesly Ferreira (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

REIGOTA, Marcos. **Ciência e Sustentabilidade: a contribuição da educação ambiental**. Avaliação-Revista de Avaliação da Educação superior, 2007.

SATO, Michéle. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima, 2003.